



A POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO COM O MUNDO PENTECOSTAL

(The possibility of dialogue with the Pentecostal world)

Pe. Rafael Lopez Villasenor*

Formado em Filosofia e Teologia, Mestre em Ciências da Religião (PUC-SP), Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP).

RESUMO

O texto aborda os desafios do diálogo a partir do pluralismo religioso. A questão fundamental é: Como dialogar com as religiões presentes no Brasil e no continente? Embora saibam que as grandes religiões, como o Budismo, o Hinduísmo, o Judaísmo e Islamismo, são minoria na nossa realidade. Porém, segundo os dados apresentados dos diversos organismos de pesquisa, o número dos católicos vem diminuindo e aumentando os evangélicos pentecostais. Inclusive, há um aumento da indiferença e da descrença religiosa. Sabemos que, o diálogo com o mundo pentecostal é muito desafiador, na realidade acontece apenas individualmente com algumas Igrejas pentecostais ou/e pastores.

PALAVRAS CHAVES: pentecostalismo, diálogo, catolicismo.

ABSTRACT

This article addresses the challenges of dialogue with the religious pluralism. The fundamental question is: How to dialogue with the religions in Brazil and the continent? Although we know that the great religions, such as Buddhism, Hinduism, Judaism and Islam, are a minority in our reality. However, according to data presented by the various institut of research, the number of Catholics has been decreasing and increasing Pentecostals. Even, there is an increasing indifference and religious disbelief. We know that the dialogue with the Pentecostal world is very challenging indeed happens only individually with some Pentecostal churches and / or pastors.

KEYWORDS: Pentecostalism, dialogue, catholicism.

INTRODUÇÃO

O campo religioso brasileiro nos últimos anos vem experimentando o fenômeno do crescimento dos movimentos pentecostais. Surge um sem-número de igrejas autônomas, organizadas em torno de líderes, baseadas nas propostas de cura, de exorcismo e de



prosperidade, sem enfatizar a necessidade de restrições de cunho moral e cultural para se alcançar a benção divina. Tais Igrejas baseiam-se também no re-processamento de traços da religiosidade popular, da valorização do emprego de símbolos e de representações icônicas.

Dando uma olhada nos dados do censo brasileiro, o catolicismo perdeu 1,7 milhão de adeptos entre 2000 e 2010. Com o recuo, o número de católicos no país chegou a 123,3 milhões: 64,6% da população. Até 1970, essa proporção superava os 90%. O movimento foi acompanhado pela expansão das religiões evangélicas, que atraíram 16,1 milhões de fieis em dez anos, e hoje somam 42,3 milhões (22,2% da população). Os grupos de sem-religião e espíritas também tiveram crescimento, embora tenham peso menor no cenário nacional 8% e 2% respectivamente. Diante da realidade do fenômeno religioso pentecostal, nós católicos não podemos ficar indiferentes, é cada vez mais necessário o diálogo e o respeito mútuo. O texto faz uma abordagem dos desafios do diálogo perante o pluralismo religioso.

1. O FENÔMENO DO MUNDO PENTECOSTAL

Ao fazer referência ao mundo pentecostal, não estamos falando apenas do pentecostalismo evangélico, mas também o pentecostalismo católico presente através da RCC (Renovação Católica Cristã), que enfatiza as práticas subjetivistas cheias de emoção. A RCC pode incorporar a subjetividade e o individualismo no discurso e na prática como o das Igrejas evangélicas pentecostais. Muitas vezes, a diferença entre católicos da RCC e evangélicos pentecostais é tão pouca que parece quase a mesma coisa, só se marca a diferença por três aspectos: a piedade a Maria, a devoção à Eucaristia e a obediência ao Papa. Neste sentido, a RCC aparece como um movimento com características ambivalentes. Apresenta-se como conservador, místico, desligado dos problemas sócio-econômicos e políticos. Sua mística embasada na valorização dos carismas, o que atrai o povo movimentando as massas, enche as igrejas, cria uma euforia espiritual, por isso sempre a Igreja viu a RCC com entusiasmo e preocupação. Esse movimento espiritual é formado por pessoas que fizeram opção pelo engajamento e militância católica, tanto quanto as que optaram pelo pentecostalismo evangélico.

O pentecostalismo oferece a busca do "sagrado" e faz a oposição entre os "salvos" que pertencem a Igreja e os do "mundo" aqueles que não são membros da instituição religiosa, os que "aceitam Jesus" em oposição "aos que não aceitam". Estas oposições são verificadas nos discursos e pregações de todos os pentecostais. Os convertidos sempre sublinham que ao "aceitar Jesus e abandonar as coisas mundanas" entrando para a Igreja a vida mudou em todos os sentidos. Nas praças públicas, nos meios de transporte público, sempre há o apelo à conversão e a afirmação que a causa de todos os males é a falta de Jesus. Jesus é a solução para todos os problemas. O "homem velho" morre, fica para trás no processo de conversão, e dá lugar ao nascimento de um "novo ser regenerado", a uma nova criatura, com uma mudança radical de vida.¹



O pentecostalismo evangélico aparece como continuador de certas características matriciais da religiosidade popular católica. Na condição de religião cristã, a principal continuidade do pentecostalismo com a religiosidade popular consiste na crença em Jesus, nos demônios, em milagres, no pecado, nas curas e intervenções sobrenaturais, nas feitiçarias, nas concepções escatológicas, e na leitura literal da Bíblia. Décio Passos² (2001, pp. 230-232) vê no pentecostalismo um discurso desconstrutivo, das devoções dos santos católicos tradicionais populares. A ideia principal, segundo o autor, seria que o santo não tem poder nenhum e não poderá atuar. A afirmação principal seria que existe uma exclusividade de Jesus e de seu poder, o qual vem a cumprir no pentecostalismo a mesma função dos santos populares católicos. Jesus tem poder para solucionar todos os problemas! Se o santo não tem poder, deve ser considerado um ídolo, sem forças e abandonado. O santo é imediatamente substituído, afirmando que "Jesus tem todo o poder". No catolicismo, o milagre acontece pela intercessão do santo, no pentecostalismo pela presença operante do pastor, Jesus realiza milagres. Também, a Palavra de Deus, a Bíblia, emana força e proteção, protege o fiel do mal, a Palavra de Deus tem poder e autoridade sobre as pessoas que tem fé! Ela é um amuleto para o crente! A Bíblia no pentecostalismo evangélico pode equivaler ao santo popular católico, ela é a mediação visível e sensível.

A Bíblia é o livro santo que acompanha o fiel e seus percursos da grande metrópole, na Palavra de Deus se manifesta o poder e as maravilhas de Deus, hoje. Assim como não há catolicismo popular sem a imagem do santo, não há pentecostalismo evangélico sem Bíblia; a Bíblia sofre igual manipulação do fiel, como o santo no catolicismo. A mediação concreta exercida pela Bíblia que, ao ser lida, provoca efeitos imediatos de proteção.

Os fieis pentecostais passam por um processo e conversão às novas condições urbanas, sem perderem suas referências religiosas fundamentais e tradicionais. "A conversão vai adaptando as massas dentro do espaço e do tempo da grande cidade e atingindo o velho estilo de leitura do mundo e da vida". Tudo indica que há uma nova ressignificação da cultura tradicional e do sagrado com a chegada à grande metrópole.

Ainda, segundo João Décio Passos³, o pentecostalismo evangélico desenvolveu-se com as promessas de salvação, adaptando-se ao ritmo e ao jeito da modernidade. Esta tem sido a recriação mais expressiva do cristianismo nos tempos modernos. O pentecostalismo em suas diversas expressões tem construído a coesão, a identidade ausente da metrópole. O pentecostalismo é um tipo de religião popular que tem sua identidade na cidade e que tem um paralelismo direto com o catolicismo popular tradicional e, talvez, conserve alguns elementos adaptados e dando-lhes um novo significado. O pentecostalismo evangélico se aproxima do catolicismo para crescer e o catolicismo se faz pentecostal através da RCC para não perder espaço.

A dinâmica e militância missionária das igrejas pentecostais são constantes na procura de novos fieis. Uma das causas do crescimento dos evangélicos pentecostais se mostra nas dinâmicas agressivas na procura de novos fieis, enquanto a organização da Igreja Católica parece agir com bastante lentidão diante das mudanças socioculturais. A organização católica está muito dependente do padre e da paróquia. Ora, o número dos



padres não tem crescido com o mesmo ritmo da população. As paróquias das grandes cidades têm, geralmente, um número exagerado de habitantes, de católicos não praticantes e afastados, ao qual o único pároco não pode oferecer o cuidado pastoral desejável. As paróquias não são missionárias e aparecem apenas como prestadoras de serviços burocráticos, onde o indivíduo vai buscar apenas os sacramentos, sem nenhum compromisso concreto com a comunidade, e muitas vezes as pessoas não se sentem em casa; enquanto que nas pequenas comunidades de grupos pentecostais os indivíduos são bem acolhidos. É verdade que há carência de padres e não é possível multiplicar pequenas paróquias, mas é possível subdividir as vastas estruturas fazendo da paróquia uma rede de comunidades, e formar os leigos com disposição missionária e preparo.

2. TENTATIVAS DE DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL

O diálogo católico-pentecostal⁴ parece ser bastante incipiente e precário, porém iniciou-se desde 1972, pelo Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos (CPPUC). Sempre foi difícil e desafiador, tanto pelas diferenças históricas, como teológicas ou doutrinárias, assim como pela falta de representatividade de parte do pentecostalismo, sem deixar de lado que ele se dá em uma relação de maioria e minoria religiosa. Apenas com as Comunidades Batistas, Evangélicas e Pentecostais com as quais a Igreja Católica mantém um diálogo teológico oficial e relacionamentos internacionais. Por outro lado, e especialmente na América Latina, frequentemente há um não reconhecimento do caráter cristão dos católicos por parte de alguns grupos evangélicos e pentecostais.

O diálogo com o pentecostalismo sempre foi complicado, sobretudo diante da diversidade do movimento pentecostal e das diferentes posições teológicas, sem uma doutrina que ampare uma posição comum. Por isso, o diálogo católico-pentecostal não toma decisões perante as diferentes posições pentecostais e "as Igrejas são livres para aceitar ou rejeitar os relatórios por inteiro ou parcialmente".⁵ Os participantes católicos e pentecostais do diálogo tomaram consciência do escândalo que existe por causa da divisão, pois muitas vezes, acentua-se mais o que divide e as diferenças, em vez de procurar as semelhanças e a unidade.

As dificuldades para o diálogo católico-pentecostal, no caso da América Latina, além das óbvias diferenças históricas e teológicas, devem ser entendidas em um contexto de tensões que emergem por causa da relação de minoria e maioria religiosa. No caso do Chile, por exemplo, constituiu-se a "Fraternidade Ecumênica" com a participação de algumas Igrejas pentecostais. Existe, hoje, uma longa tradição de oração comum e de participação em várias atividades de interesse público.

Concretamente, embora exista uma aproximação com o pentecostalismo, este diálogo se dá apenas entre pessoas das diferentes igrejas pentecostais e representantes católicos. Para o cardeal Walter Kasper,⁶ em algumas situações "as comunidades evangélicas e



pentecostais mais recentes costumam ser consideradas sem legitimidade eclesial". Além disso, "o uso indiscriminado do termo 'seita' não ajuda, e continua a criar problemas". O que mostra que muitos católicos não reconhecem o caráter cristão de alguns grupos evangélicos e pentecostais. Além dos velhos problemas e preconceitos que existem, como o proselitismo e as acusações mútuas entre católicos e pentecostais.

O diálogo católico-pentecostal é um caminho difícil e árduo. "Simplesmente condenar as atividades proselitistas desses grupos" ou referir-se a eles como "seitas" "pode ser uma postura contraproducente. A nossa resposta não deve ficar apenas na crítica polêmica com os grupos pentecostais".⁷

A entrada e a força do movimento carismático, como sequência prática, levaram a uma "pentecostalização" da Igreja Católica. Talvez a partir de aí, poderá haver um diálogo católico-pentecostal¹ como partilha de dons e com momentos de oração. Esse encontro poderá ser algo possível, positivo e útil para o futuro da Igreja e do diálogo católico-pentecostal.⁸ Para Edgar Moros Ruano,⁹ "A Igreja Católica está procurando respostas e alternativas ao desafio" através do diálogo. No caso do Brasil, essa realidade é difícil, as iniciativas são tímidas, e as dificuldades se intensificam, pelo fato que poucas denominações pentecostais estão dispostas a dialogar com a Igreja Católica.¹⁰ Embora, que alguns líderes pentecostais mostrem disposição.

O desafio maior para o catolicismo é o pentecostalismo junto com seu proselitismo. Esse parece preencher necessidades e satisfazer aspirações profundas do ser humano que o catolicismo não atinge e com ele parece não existir diálogo. O desafio pentecostal leva o catolicismo a mudar de postura perante o pluralismo religioso de abertura, de diálogo, de acolhida e de aprofundamento da realidade religiosa. O proselitismo é um dos elementos mais conflitivos.

Na América Latina, o ecumenismo vai além das Igrejas que professam o credo niceno-constantinopolitano, pois o Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI), órgão que tem como objetivo a promoção da unidade entre as igrejas apoia a tarefa evangelizadora de seus membros; promoção da reflexão e diálogo sobre a missão e testemunho cristãos no Continente. O CLAI criado provisoriamente em 1978, em Oaxtepec (México), e definitivamente em 1982, em Huampani (Peru), atualmente com sede em Quito (Equador), vem realizando assembleias gerais periodicamente entre as Igrejas participantes. Participam do CLAI mais de 150 membros que pertencem às igrejas evangélicas, ortodoxas e também pentecostais que não professam o credo de Niceia, bem como organismos cristãos dedicados ao trabalho com a juventude, a reflexão teológica e à educação cristã. Seus membros abrangem 21 países da América Latina e Caribe.¹¹

Os bispos reunidos na V Conferência do CELAM em Aparecida observam que "onde se estabelece o diálogo, diminui o proselitismo, cresce o conhecimento recíproco e o respeito e se abrem possibilidades de testemunho comum" (Dap 233). O ecumenismo e o diálogo não são estratégias perante o pentecostalismo; tampouco significa proselitismo, nem relativismo da própria fé, logo, não tem como finalidade a diminuição



do proselitismo por parte das Igrejas Evangélicas Pentecostais. Embora isso aconteça, trata-se de uma tentativa de aproximação entre Cristãos que professam a mesma fé em Jesus Cristo, de crescer no conhecimento recíproco e no respeito abrindo possibilidades de testemunho comum.

A compreensão e a prática da eclesiologia de comunhão nos conduzem ao diálogo ecumênico. A relação com os irmãos e irmãs batizados em outras Igrejas e comunidades eclesiais é um caminho irrenunciável para o discípulo e missionário (DAp 227). Para os bispos, o ecumenismo não se justifica por uma exigência simplesmente sociológica, mas evangélica, trinitária e batismal, "expressa a comunhão real, ainda que imperfeita" que já existe entre "os que foram regenerados pelo batismo". O Magistério insiste no caráter Trinitário e batismal do esforço ecumênico, onde o diálogo emerge como atitude espiritual e prática, em um caminho de conversão e reconciliação. Só assim chegará "o dia em que poderemos celebrar, junto com todos os que creem em Cristo, a divina Eucaristia". Uma via fecunda para avançar para a comunhão é recuperar em nossas comunidades o sentido do compromisso do Batismo. (DAp 228). Há casos em que é possível apenas o ecumenismo espiritual, através de momentos de oração juntos com irmãos batizados (Cf. DAp 230). A partir da experiência de oração, vem se desenvolvendo a espiritualidade ecumênica de cooperação a favor da vida, da justiça, dos direitos do homem, e da paz.

Em época de pluralismo religioso pentecostal, as diferentes ofertas dividem as pessoas, põem em crise a fé. Os indivíduos podem se encontrar desorientados por tantas ofertas, que vagam de religião em religião, de Igreja em Igreja ou criam um sincretismo próprio. Atualmente, as religiões e as igrejas deveriam se preocupar menos com a dinâmica proselitista, e estar mais atentas com a conversão em favor de um trabalho comum na luta contra os sofrimentos que abalam os seres humanos.

Dentro do novo pluralismo religioso em nosso continente, não se tem diferenciado suficientemente os cristãos que pertencem a outras igrejas ou comunidades eclesiais, tanto por sua doutrina como por suas atitudes, dos que fazem parte da grande diversidade de grupos cristãos (inclusive pseudo-cristãos) que se tem instalado entre nós. Isto porque não é adequado englobar a todos em uma só categoria de análise. Muitas vezes não é fácil o diálogo ecumênico com grupos cristãos que atacam a Igreja Católica com insistência. (DAp 100g).

É possível considerar o pluralismo religioso como um desafio positivo, mesmo com o avanço das Igrejas pentecostais, embora haja dificuldades de diálogo com algumas Igrejas e grupos. Também é possível reconhecer que o pentecostalismo evangélico pode exercer uma determinada função na salvação, enquanto portador da presença do mistério de Cristo, do qual a Igreja visível não possui monopólio. Por isso, é necessário intensificar o diálogo, embora não seja fácil com grupos religiosos que atacam a Igreja Católica.



3. O DIÁLOGO COM AS GRANDES RELIGIÕES

Embora a América Latina seja considerada o continente católico, existe a presença, mesmo que mínima, das grandes religiões, o que nos pede o diálogo para descobrir as diversas manifestações libertadoras de Deus na história e na natureza, a busca da pluralidade dos caminhos de salvação, a libertação e a pluralidade de respostas da humanidade e suas manifestações. Perante o pluralismo religioso, não há por que manter a ideia de que Jesus é o único caminho de vida e salvação, que leva a Deus e que o cristianismo é o único "imperativo categórico" universal.¹²

O mundo pluralista da América Latina e Caribe deve inserir em seu contexto o diálogo interreligioso, sobretudo com as grandes religiões presentes no continente como os judeus², os muçulmanos³ e os budistas. O diálogo acontece especialmente com as religiões monoteístas (DAp 237) formadas pelo Judaísmo, pelo Islamismo¹³ e pelo Cristianismo. Dentro do Cristianismo, há reconhecimento e gratidão ao povo judeu, que nos une na fé no único Deus e sua palavra revelada no Antigo Testamento. "São muitas as causas comuns que na atualidade exigem maior colaboração e respeito mútuo" (DAp 235). Apesar dos desencontros, os judeus são considerados irmãos na fé bíblica.¹⁴

Dialogar com as religiões monoteístas "não significa que se deixe de anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo aos povos não cristãos, mas com mansidão e respeito por suas convicções religiosas" (DAp 238). O diálogo não pode ser uma forma de proselitismo; não se trata de uma competição por mais adeptos. Trata-se de encontrar pontos em comum entre os cristãos com as outras religiões e crenças sem pretender fazer nenhum tipo de proselitismo. O diálogo é também um componente essencial para garantir a paz e o respeito mútuo.

CONCLUSÃO

O pentecostalismo no continente Latino-americano é atraente e não se limita a pregar a salvação no sentido escatológico, mas seus serviços religiosos se apresentam também para as questões financeiras como elementos essenciais da fé. As Igrejas pentecostais trabalham em favor da valorização das relações pessoais, gerando aumento de autoestima, de subjetividade, e do impulso empreendedor, além de ajuda mútua com o estabelecimento de laços de confiança e fidelidade.

Diante da realidade pentecostal que vivemos, devemos pensar um projeto de Igreja de discípulos missionários não preocupados com a "pentecostalização" da religião, mas, sobretudo, trabalhando para que a Igreja seja toda Missionária. Procurando em "ir onde a Igreja ainda não está presente" (DAp 376).



Como discípulos missionários temos a tarefa de que todas as Igrejas locais se conscientizem da missão universal, como horizonte constante de todo o trabalho pastoral e não apenas com a preocupação da diminuição dos católicos. Trata-se de envolver pessoas numa prática ética, feita de amor radical gratuito universal, fundamentada na ótica de fé em Deus Pai. Sua dimensão existencial é a fraternidade, essência da missão. A missão, não é fechada em si mesma, aos adeptos, mas é aberta ao mundo, no envio além-fronteiras. "Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: Que a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é definitivamente a missão" (DAP 360).

BIBLIOGRAFIA

BEOZZO, José Oscar. A Igreja do Brasil de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. O Ecumenismo na V Celam. Religião & Cultura. O futuro do Catolicismo Latino-americano. V. 6, N. 12, p. 31-70. Julho/Dezembro, 2007. PUC-SP. São Paulo: Paulinas.

CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado latino-americano e do Caribe. São Paulo: CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. Diálogo Católico-pentecostal, evangelização, proselitismo e testemunho comum. n. 162, São Paulo: Paulinas, 1999.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins fontes, 2001.

KASPER, Walter. As novas fronteiras ecumênicas. Teologia em Questão, Igrejas em Concílio. Taubaté, Faculdade Dehoniana, p. 63-88, Ano IV, 2005/1.

PASSOS, João Décio. Teogonias urbanas: o re-nascimento dos velhos deuses. Uma abordagem sobre a representação religiosa pentecostal. Tese de doutorado em Ciências Sociais. São Paulo. PUC-SP, 2001.

RUANO, Edgar Moros. A Igreja Católica e o Desafio Pentecostal. In: GUTIERREZ, Benjamim & CAMPOS, Leonildo Silveira. Na força do Espírito, os pentecostais na América - Latina: Um desafio às igrejas históricas. São Paulo: Aipral, 1996. p. 213-225.

SIERVERNICH, Michael. La missione cristiana, storia e presente. BTC 160. Brescia: Queriniana, 2009.

WOLFF, Elias. Caminhos do ecumenismo no Brasil: história, teologia e pastoral. São Paulo: Paulus, 2002.

VILLASENOR, Rafael Lopez. O avanço pentecostal e a crise demográfica católica nos documentos da Igreja: preocupações, estratégias, diálogo e posturas frente ao pluralismo. Dissertação em Ciências da Religião. São Paulo: PUC-SP, 2009.



NOTAS

* Formado em Filosofia e Teologia, Mestre em Ciências da Religião (PUC-SP), Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP). Diretor do Centro Cultural Conforti. Endereço eletrônico: rafamx@uol.com.br.

¹ Cf. ELIADE, 2001 p. 163.

² Passos, João Décio, Teogonias urbanas: o re-nascimento dos velhos deuses. Uma abordagem sobre a representação religiosa pentecostal. Tese de doutorado em Ciências Sociais. São Paulo. PUC-SP, 2001, p. 230-232.

³ Passos, João Décio, Teogonias urbanas: o re-nascimento dos velhos deuses. Uma abordagem sobre a representação religiosa pentecostal. Tese de doutorado em Ciências Sociais. São Paulo. PUC-SP, 2001, p. 317.

⁴ O primeiro encontro Católico-Pentecostal no Brasil aconteceu os dias 30 de abril a 1º de maio de 2008, na Canção Nova, Lavrinhas, SP. Por parte da Igreja Católica Romana com a presença da Renovação Católica Cristã (RCC) e por parte Pentecostal, as Igrejas: Evangelho Pleno, Assembleia de Deus, Batista, Quadrangular e Anglicana Carismática. Foi um encontro de ecumenismo espiritual através de oração, louvação e testemunho ecumênico.

⁵ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS (CPPUC). Diálogo Católico-pentecostal, evangelização, proselitismo e testemunho comum. n. 162, São Paulo: Paulinas, 1999, p. 7.

⁶ Kasper, Walter. As novas fronteiras ecumênicas. Teologia em Questão, Igrejas em Concílio. Taubaté, Faculdade Dehoniana, p. 63-88, Ano IV, 2005/1 .

⁷ Ibidem, p. 83.

⁸ Ibidem, p. 86-57.

⁹ Ruano, Edgar Moros. A Igreja Católica e o Desafio Pentecostal. In: GUTIERREZ, Benjamim & CAMPOS, Leonildo Silveira. Na força do Espírito, os pentecostais na América - Latina: Um desafio às igrejas históricas. São Paulo: Aipral, 1996, p. 21.

¹⁰ WOLFF, Elias. Caminhos do ecumenismo no Brasil: história, teologia e pastoral. São Paulo: Paulus, 2002, p. 65.

¹¹ BEOZZO, José Oscar. O Ecumenismo na V Celam. Religião & Cultura. O futuro do Catolicismo Latino-americano. V. 6, N. 12, p. 31-70, Julho/Dezembro, 2007. PUC-SP. São Paulo: Paulinas.

¹² SIERVERNICH, Michael. La missione cristiana, storia e presente. BTC 160, p. 346-349.

¹³ Dados de 2002 afirmam que, nos últimos dois anos, o número de muçulmanos na América Latina cresceu 20 por cento, passando de cerca de 1,3 para 1,6 milhões, o que corresponde a 0,4 por cento da população. A maioria provém de outras religiões, sobretudo de várias confissões cristãs, e o crescimento do islamismo não tem, portanto, a ver necessariamente com a chegada de imigrantes oriundos de países muçulmanos (BEOZZO, 2007).

¹⁴ A Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico (DCJ) no Brasil é mista e permanente criada pela CNBB, no dia 27 de fevereiro de 1981, para articular em nível nacional o diálogo religioso entre católicos e judeus do Brasil. Integra a Comissão pessoas pertencentes a comunidades católicas e judaicas, interligando-as a partir de seus objetivos a serem alcançados em quatro níveis: institucional, teológico, de ação conjunta e de contato pessoal (BEOZZO, 2007).